

MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS PARA QUE SIGNIFICANTE? QUAL O LUGAR DE ANA, NO CONTO “AMOR”, DE CLARICE LISPECTOR?

Leonardo Batista Montenegro (1); Francisca Geocácia Lins Braga Gomes (1); Francisca Pereira de Moraes Gomes (2); Maria de Fátima Alves Sarmiento (3); Vanalucia Soares da Silveira (4)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), leonardobm21@hotmail.com, geocacia_braga@hotmail.com, francisca.demorais@hotmail.com, fatimasarmiento31@gmail.com, vanaluciaestudosliterarios@hotmail.com.

RESUMO: A representação do feminino na obra de Clarice Lispector evidencia a mulher buscando romper com os ideais de feminilidade construídos pela ordem falocêntrica. Assim, suas protagonistas estão sempre sendo convocadas, por meio de elementos aparentemente banais da realidade, de forma epifânica, a refletirem acerca dos atributos de submissão, maternidade e fidelidade matrimonial. Em consequência, emergem sujeitos em luta contra a interdição da realização de seus desejos, de sua subjetividade, de suas pulsões libidinais. Exemplo disso é a personagem Ana, do conto “Amor”, publicado no livro *Laços de família*, em 1998, que, despertada por um cego, passa a pensar sobre a sua condição de mulher, de mãe, de dona do lar em contraponto com um espaço social capaz de lhe possibilitar muitas outras posições no mundo além das que podia ocupar no espaço privado. O objetivo deste trabalho é analisar as manifestações simbólicas da transformação do pensamento feminino no conto escolhido, compreendendo os sentidos sugeridos por elementos da natureza como o próprio cego, o bonde, os ovos, a rede de tricô, o ponto de parada do bonde, o jardim botânico, o fogão, as teias de aranha, a poeira, e até o nome da protagonista, bem como pelas sensações paradoxais de nojo e prazer que levavam a personagem a gozo. Para embasar a referida pesquisa, utilizamos, fundamentalmente, os pensamentos das teóricas Woolf (1929), Butler (2003), Zolin (2005) no tocante às questões de gênero, e Freud (1900), no que concerne à questão psicanalítica, voltada para a interpretação dos símbolos. Desse modo, esta pesquisa visa a construir sentidos para os símbolos apresentados e, mediante essa construção, chegar a um significante para as diversas imagens que gravitam em torno de Ana.

Palavras-chave: Significados. Significante. Posições.

INTRODUÇÃO

O conto "Amor", de Clarice Lispector, faz parte da obra *Laços de família* (1998) e traz como temática a submissão da mulher de classe média. Ele mostra uma realidade corriqueira e aparentemente duradoura que põe em ameaça a normalidade da vida cotidiana da protagonista Ana, ao desorganizar toda a aparente estabilidade emocional e familiar da personagem. Ana simboliza a mulher do lar, circunscrita nos padrões falocêntricos, que toma consciência de sua cegueira culturalmente estabelecida pela ideologia machista. A personagem, tocada pela imagem de um cego, desperta para um mundo além do privado, imagina novas possibilidades para a sua vida, passa a reconhecer sua condição de subalternidade e refletir sobre ela. Assim, esta pesquisa tem como objetivo principal analisar as manifestações simbólicas presentes no conto através da transformação do pensamento da figura feminina.

Os problemas de gênero debatidos desde a década de 1960, nos Estados Unidos, com a observação do preconceito em frente à mulher como escritora, faz parte da história da literatura, e da luta feminista por espaço na sociedade. A fim de escrever as suas obras literárias, as mulheres combateram o preconceito enfrentando suas famílias, adquirindo novos hábitos, e, mesmo em ambientes hostis, criando os seus próprios textos literários. Elas conseguiram ser reconhecidas porque quebraram regras que as prendiam, com a intenção de expressarem seus sentimentos, emoções e vontades.

Existem vários registros da opressão e discriminação que as mulheres passaram no Brasil. As escritoras eram vistas como motivo de vergonha e de desprezo pelos homens. Somente através de muitas lutas, elas foram conquistando o seu espaço. Clarice Lispector, escritora naturalizada brasileira, é um exemplo. Ganhou em (1961) e (1978) o Prêmio Jabuti, o prêmio literário mais importante do Brasil.

O preconceito também se identifica na criação de personagens femininas. Segundo o crítico brasileiro Candido (2004), elas não eram complexas, e existiam traços como, revoltas e emoções das escritoras que transpareciam em suas personagens, porém, até mesmo as grandes escritoras que criaram personagens complexos, foram criticadas pelos temas abordados. No conto "Amor", a personagem central, Ana, expressa a quebra de paradigmas quando começa a ver o mundo de maneira diferente, reconhecendo a prisão em que vive, tendo que fazer as mesmas tarefas domésticas todos os dias, com a sensação de rejeição e medo de tentar algo novo.

A protagonista dessa narrativa é uma mulher dedicada aos filhos, ao lar e ao marido. Morava em uma casa aconchegante. O período da tarde era o mais perigoso para a personagem, pois ela temia cair em si, reconhecer-se, “sentir a raiz firme das coisas”. Abafando assim, a sua realidade (LISPECTOR, 1998, p.12). Todavia, ao se deparar com a figura de um cego em um bonde acaba despertando para a sua realidade. A imagem do cego mascando chicletes mexe bastante com a personagem, pois ela entra no estado de náusea, selvagem libertação e entorpecimento, que a faz descer em um ponto errado, no Jardim Botânico, um lugar que causa bastante estranheza para ela. Neste Jardim, ela enfrenta a insuportável existência consigo mesma. Ao se lembrar dos seus filhos, sente-se culpada e volta para casa. Todavia, mesmo tendo consciência de seu papel, ela aceita ser submissa. Enfim, o conto em questão nos mostra a castração referente à cegueira de Ana, protagonista do romance em questão.

MATERIAL E MÉTODOS

Essa pesquisa é de natureza analítico-bibliográfica, por se tratar da análise da protagonista do conto Amor, de Clarice Lispector. Para tanto, empregamos como suporte teórico, os pensamentos dos teóricos críticos feministas, Virginia Woolf (1929), Judith Butler (2003), Freud (1900), entre outros. Para a análise em si, recorremos ao próprio conto selecionado.

A princípio, apresentamos uma teorização sobre a representação da mulher na literatura e, em seguida, fazemos uma análise do conto "Amor", com ênfase para as mudanças de pensamento da protagonista. Para mostrar essas mudanças, foi feita a leitura e interpretação dos símbolos, na ordem em que aparecem no conto, de modo a compreender o perfil da personagem seguindo a sequência de seus atos. Portanto, a atribuição de sentidos dada aos símbolos conferem em uma construção de significados para o despertar de Ana a sua consequente escolha de vida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de 1970, com o pensamento feminista, a mulher vem se tornando objeto de estudo em várias áreas, dentre elas a literatura. A condição da mulher em relação ao homem, sempre foi marcada pela inferioridade, devido ela ser impedida de

usufruir os mesmos direitos, de ocupar uma posição mais importante na sociedade, por falta de poder econômico, político e discursivo. Segundo Woolf, em sua obra “*Um teto todo seu*”, (1929), a condição subalterna da mulher esta ligada principalmente à dependência financeira, entendida como a falta de um teto. “A mulher precisa ter um teto todo dela” (WOOLF, p. 7-8, 2004). O que significa dizer, que a mulher precisa ter sua independência financeira, condições de prover seu próprio sustento. “Talvez por ser dependente financeiramente, vivia presa ao lar.

As mulheres foram discriminadas, objetos de dominação masculina, desmotivadas à realizar seus desejos, na maioria das vezes tratadas como seres inúteis e sem utilidade. [...] “Era tratada com arrogância, esbofeteadas, submetida a sermões e admoestada. Sua mente deve ter sofrido tensões, e sua vitalidade foi reduzida pela necessidade de opor-se a isso, de desmentir aquilo. Pois aí, mais uma vez, entramos no âmbito daquele complexo masculino muito interessante e obscuro que teve tanta influência no movimento feminista” [...] (WOOLF, p. 68, 2004).

A vida de Ana é descrita como a vida de um lavrador. “Ela planta as sementes que tinha na mão” (LISPECTOR, 1998, p.12). Indica a posição central que Ana ocupa em cultivar e administrar o tempo presa aos laços familiares, de preparar o terreno, esperar a estação apropriada. Assim como o trabalho de um lavrador de lançar as sementes, aguardar o germinar, regar e colher, ela também o tinha como uma boa dona de casa, purificada na arte dos afazeres domésticos e nas convenções sociais, reserva para si as funções de criar os filhos, de cuidar do marido e da casa, além de ter relações amigáveis com os outros agentes que permeiam sua vida social, como o porteiro e os vizinhos. Toda inteligência e potencial de Ana eram sufocados e regulados para fins ligados apenas ao lar e à família como centro de tudo.

No caso da mulher, os meios são favoráveis para que esse processo se realize; sua fraqueza é estimulada. No entanto, a má fé dos outros em anular-lhe a liberdade que é inerente à sua condição de ser humano- não é suficiente para plena realização dessa empreitada; a mulher mesma aceita a opressão que lhe é imputada, tornando-se cúmplice da própria escravidão (ZOLIN, 2005, p.188).

Porém, assim como na agricultura há estações do ano em que um frio rigoroso ou uma chuva de granizo podem pôr a plantação a perder; Ana também tem suas horas perigosas. Estas horas ou momentos – o período da tarde – são justamente quando os filhos estão na

escola, o marido no trabalho, e a casa limpa. Momento esse que poderia fazer com que Ana refletisse sobre a condição de vida que levava. Esse horário do dia se tornava perigoso porque Ana encontrava-se desocupada de seus afazeres, que já estavam todos cumpridos. Neste sentido, se em sua vida não houvesse espaço para ser preenchido com algum cuidado da casa, perderia todo o sentido.

Numa bela tarde, esta realidade é posta em ameaça quando Ana volta das compras e toma um bonde para chegar à sua casa. No bonde, a figura de um homem cego mascando chicletes abala todo o equilíbrio sutil de seu mundo, estritamente organizado, e irrompe uma situação perturbadora, que provoca um terrível horror e um irremediável mal-estar diante da suspensão de seus referenciais. Como de costume, a personagem, na escrita de Clarice, está em meio a uma rotina rígida de imposições sociais, e depara-se com uma situação na qual tudo que era certo e estável vai ser desmoronado, seja o casamento e/ou as relações familiares como um todo.

AS MANIFESTAÇÕES SIMBÓLICAS E A TRANSFORMAÇÃO DO PENSAMENTO FEMININO NA PERSONAGEM ANA

Os símbolos são as manifestações dos sentimentos, sejam eles sinais de alegria, tristeza profunda, amargura etc. Esses sentimentos são transferidos ao meio de forma inconsciente através da personagem, que cada vez se sente mais abatida pelos problemas absorvidos, problemas estes que estão a sua volta. Essas manifestações têm como objetivo libertar o indivíduo da vida que está submetido. “Nos sonhos, a vida cotidiana, com suas dores e seus prazeres, suas alegrias e mágoas, jamais se repete. Pelo contrário, os sonhos têm como objetivo verdadeiro libertar-nos dela” (FICHTE, 1864, 1, 541).

As figuras presentes na obra são impulsos involuntários do meio que são percebidos pela personagem, essas representações simbólicas lançam luz sobre um momento de epifania (FREUD, 1900). O processo de castração da personagem a conduz perceber detalhes no caminho para casa que provavelmente sempre existiram, mas, que estavam no inconsciente da personagem, e que em determinado momento, através de algum choque que o indivíduo possa ter sofrido, tudo isto se torna consciente, e cada detalhe percebido passa a ter um significado libertador.

Analisando a personagem Ana, percebemos uma ação libertadora, que acontece na vida da personagem através da imagem de um cego que mascava chicles, é necessário antes de adentrarmos nesse impulso que serviu para abrir os olhos da personagem, entender o processo de castração que a mesma passava. Portanto, faz-se necessário citar aqui o momento em que ela é obrigada a se privar de seus desejos:

“E por um instante a vida sadia que levava até agora lhe pareceu um modo moralmente louco de viver. [...] Abraçou o filho, quase a ponto de machucá-lo. Como se soubesse de um mal — o cego ou o belo Jardim Botânico? — agarrava-se a ele, a quem queria acima de tudo. Fora atingida pelo demônio da fé. A vida é horrível, disse-lhe baixo, faminta. O que faria se seguisse o chamado do cego?” (Clarice Lispector, 1998, p.17).

O processo de castração não ocorre do dia para a noite, ou apenas com um ou outro acontecimento, ele é um processo formado por vários atos de privação, onde há um desejo que é privado por alguém, geralmente, assim como percebido no trecho do conto “Amor” citado acima, é por alguém que está muito próximo. No conto, Ana desperta para uma nova vida, através do cego, que a conduz a visão libertadora, simbolizada pelo Jardim Botânico.

De acordo com Butler, em sua obra Problemas de Gênero, diz-se que: “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.” (2013, p. 59). No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado.

O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia... Clarice Lispector (1998, p.41) 23

Nesse instante Ana percebe o quanto sua vida era insignificante e que a submissão era seu papel na sociedade, então ela começa a perceber que tudo era feito na sua vida de modo rotineiro e monótono, sem nada de interessante que pudesse quebrar sua angustiante rotina. Esse acontecimento possibilitou, por meio de uma angústia profunda, uma ruptura com o cotidiano da personagem pautado no pensamento androcêntrico, mesmo que seja de caráter sentimental, introspectivo.

Numa bela tarde, esta realidade é posta em ameaça quando Ana volta das compras e toma um bonde para chegar à sua casa, o bonde, por sua vez, representa o espaço social, público, fora de casa, onde se encontram os diversos tipos sociais. É nele que Ana percebe um novo mundo, e passa a refletir sobre sua condição de vida. A figura de um homem cego mascando chicletes abala todo o equilíbrio sutil de seu mundo, estritamente organizado, e provoca uma situação perturbadora, que causa um terrível horror e um irremediável mal-estar diante da suspensão de seus referenciais. Como de costume, a personagem, na escrita de Clarice Lispector, está em meio a uma rotina rígida de imposições sociais, e depara-se com uma situação na qual tudo que era certo e estável vai ser desmoronando, seja o casamento e/ou as relações familiares como um todo.

Por um instante, é possível observar na personagem certa perturbação causada pela imagem de um cego. (SARAMAGO, 1995) argumenta que: “A cegueira também está associada à ausência de uma visão equilibrada, a um lapso da razão, isto é, a uma falta de visão clara das coisas. Nesse ponto, impera a aliança entre cegueira e escuridão”. A “cegueira branca” de Saramago representa excesso de visão, pois enxergavam tanto que deixaram de ver. No conto em análise, a personagem Ana enxergava, mas por viver uma vida voltada apenas para o lar, não percebia as outras coisas que estavam a sua volta. Notamos, assim, uma relação entre o conto “Amor” e o romance “Ensaio sobre a cegueira”, pois ambos os textos têm a cegueira como um recurso para que o homem possa refletir sobre a sua existência.

A interpretação de cada detalhe, dos símbolos como o reflexo dos nossos desejos, faz-se necessária mesmo quando não queremos adentrar nessa interpretação: “Eu não queria interpretá-lo porque a interpretação encerrava algo que eu estava combatendo. Quando concluí a interpretação, entendi contra que estivera lutando” (FREUD, 1900, p.129). Percebemos aqui, que o próprio psicanalista em uma de suas altas análises teve que reconhecer os seus problemas, para que no final da interpretação que durou bastante tempo, comparado à profundidade da análise, conseguisse entender o que cada símbolo representava. Cada símbolo possui uma grande importância para o indivíduo que passa por este processo, está análise acaba sendo duradoura, pois, em uma única imagem podemos ter duas representações distintas, para formar uma única ideia do pensamento. Para isto, se faz-se necessária uma análise minuciosa dos símbolos, revelando os segredos manifestados no inconsciente da personagem Ana.

Quando Ana estava no bonde, após estar perplexa com a cena que viu, de forma desatenta e meio que desajeitada, ao simples arrancar do bonde, mas já normal para todos que faziam o mesmo percurso todos os dias, a sacola de tricô que ela levava no colo, vai ao chão, e os ovos que estavam na sacola se quebram. Desse modo, ela vê tudo que conhecia, a sua própria vida, escorrer entre os fios da rede, pois os ovos que estavam embrulhados em uma folha de jornal se quebram, a folha de jornal representava uma leve e momentânea sensação de proteção, mas, mesmo assim, não foi suficiente para mantê-la afastada do mundo que estava do lado de fora, com isto, ela vê a luz da superfície ceder espaço para a profundidade da escuridão,

A morte simbólica irrompe e expulsa Ana "de seus próprios dias" (LISPECTOR, 1998, p.14). Ela acaba notando-se em um mundo fechado, a si mesma. Como um ovo, mole por dentro, representando o lado sensível e suscetível da mulher, e envolto por uma casca dura, mas frágil, quebradiça, e, aquilo que poderia ter nascido fora abortado, todas as suas crenças, ideologias, agora já não faziam mais sentido para ela. Ao se partir a casca, como uma caixa de Pandora, o mundo real se mostra extremamente complexo, onde seres mais estranhos surge inesperadamente, levando Ana a uma crise existencial. Quando o ovo cai e se quebra e a clara e gema escorrem para fora, é como se o mundo de Ana viesse à tona, à luz do dia. Como se descobrisse a si mesma. "Mas os ovos haviam se quebrado no embrulho de jornal". (LISPECTOR, 1998, p. 14).

Quando a personagem desce do bonde, muito depois do seu ponto de parada, passando perto de um alto muro ela entra no Jardim Botânico, que representa a vida dela como pessoa. Lá, ela pensa primeiramente em si mesma, não de forma egoísta, mas com foco nas suas decisões e escolhas – sem lembrar-se de terceiros. O vento que ela sente antes mesmo de entrar no Jardim simbolizava as lembranças de sua vida que eram levadas. Ela passa a olhar para sua vida real como algo negativo. A recorrência de imagens mostra a união dos contrários: vida e morte; composição e decomposição; fascínio e nojo; morte e vida: "Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel". "Havia no chão caroços secos cheio de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos" (LISPECTOR, 1998, p.16). A semente como fonte de vida é associada a um cérebro podre, à morte, "decomposição era profunda, perfumada [...], cheiro adocicado" (LISPECTOR, 1998, p.16). As cores que são usadas para descrever o Jardim também propiciam um estreitamento com a subjetividade da personagem, quando esta vê as flores com cor de mau ouro ou escarlate, o que

contrapõe à imagem idealizada destas: amarelas e rosadas. Quando a personagem volta para sua casa, as imagens continuam a se contrapor.

Depois de todo esse percurso assombrador que ela teve que passar, para entender realmente o que acontecera com sua vida, e o modo que vivia, a personagem se depara com as árvores encontradas no Jardim, que eram totalmente diferentes das que apareciam de modo figurado, no início do conto. As árvores eram reais, simbolizava a vida que sentia humilhada na mais profunda essência da sua existência, enquanto os primeiros eram puras negligências, figura do que Ana julgava ser a vida. Finalmente, ela consegue chegar a casa. Ao entrar, a personagem se depara em um momento de indecisão, de certa forma um reflexão de tudo que vira, frente a frente com o seu modo submisso de vida, ou, pode se dizer, com o seu dominador.

“Abriu a porta de casa. A sala era grande, quadrada, as maçanetas brilhavam limpas, os vidros da janela brilhavam, a lâmpada brilhava — que nova terra era essa? E por um instante a vida sadia que levava até agora lhe pareceu um modo moralmente louco de viver” (LISPECTOR, 1998, P.17).

Nada mais fazia sentido para ela, nem o porquê de todo o esforço de deixar tudo tão limpo, a janela e os vidros que pareciam impecáveis, isso agora parecia loucura para ela, logo após o seu filho entrar, o seu mundo ainda parecia fora de ordem, ela compara o mundo que amava com a ostra, ostra essa que representa no universo simbólico, o órgão sexual feminino. Na biologia, ostra é designada como um molusco que, ao ser invadido, reage a esses elementos perturbadores, dará origem à produção da pérola. Assim encontra-se Ana: reconhece-se como mulher incomodada com seu papel social e é invadida por algo estranho quando percebe que seu coração se enchera com a menor vontade de viver e já não era possível ser a mesma de antes.

Quase no desfecho do conto ouviu um sino que toca. A simbologia do sino da escola tocando; é algo peculiar à vida de submissão de Ana, que remete à personagem as cobranças sociais que lhe são impostas e na qual ela está escravizada através da sua relação monótona com o marido, com os filhos e com as obrigações domésticas que orientam sua vida. Também aparece a poeira no fogão, significando “o velho”, o abandono, o pó retirado todos os dias, ou seja, sua rotina do dia a dia, os seus afazeres do cotidiano.

Já tarde, depois de uma farta refeição, sentei-se uma brisa que entra pela janela, sinal de tranquilidade e refrigério, e, repente, um forte estrondo, tão

impactante quanto à imagem do cego. Isso faz Ana despertar para sua vida submissa, provocando na personagem o rompimento do devaneio, pois o barulho vindo da cozinha, era do fogão, que fez com que Ana acordasse de seus pensamentos, e voltasse para a realidade em que vivia. O fogão simboliza a mulher do lar, a doméstica, que parece fazer parte da própria vida feminina, como se fosse intrínseco. E como desfecho não só de uma história, mas também de toda uma vida de desejos, ela se apaga como uma vela, apagando a flama no fim do dia e vai descansar sem nenhum mundo no coração.

CONCLUSÕES

O conto “Amor”, de Clarice Lispector, possibilita fazer análise das manifestações simbólicas contidas no conto em questão, através da figura feminina representada pela personagem Ana. Dessa forma, os símbolos revelam um sentido secreto, na qual, Ana vive a banalidade do cotidiano, consequência real das suas escolhas. O conto em análise inicia-se com o relato de mais um dia corriqueiro da personagem Ana, em que ela passa por um momento epifânico ao se deparar com cego mascando chicletes. Ela vive para o lar, o marido e os filhos. A descrição inicial denota certo ar de exaustão advinda da personagem principal. O que indica que a personagem provavelmente entrará em alguma espécie de estado de insatisfação, Ana vive um inquietante estado de aceitação. Sua condição enquanto mulher não apresenta possibilidade de mudança ou de transpor certas barreiras visíveis, razão esta que nos leva a compreendê-la como conformada, ainda que esta demonstre aflição.

Ao se trabalhar a análise dos símbolos que tende a desencadear a epifania na personagem, e ao abordar a vida interior de Ana, a sua maneira de ler o mundo que está a sua volta e a forma que ela lidar com ele, nos possibilita essa ampliação da leitura de mundo e de si, contribuindo assim, para a nossa formação, principalmente a sensibilidade. Assim, o conto Amor de Clarice Lispector, fornece uma contribuição que vai além de um domínio conceitual de uma obra, mas do que ela pode incitar na ação subjetiva de cada um. Um exercício do exterior no interior, que produz percepções que nos permitem ir além das palavras do texto.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. 3. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. Volume IV, 1900.

LISPECTOR, Clarice. "**Amor**" in. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**: romance/São Paulo: Companhia de Letras, 1995.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004 (Tradução de Vera Ribeiro).

ZOLIN, L. O. Crítica Feminista. In: BONNICI, T; ZOLIN, L. O. (org). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2ª ed. Maringá: EDEM, 2005.